



INSTITUTO BRASILEIRO DE ENSINO, DESENVOLVIMENTO E PESQUISA
CURSO DE JORNALISMO

Mulheres negras no Jornalismo: uma análise do grupo herdeiras de Glória Maria

Elisiele Máximo da Silva Gallo

Brasília – DF
2024

ELISIELE MÁXIMO DA SILVA GALLO

Mulheres negras no Jornalismo: uma análise do grupo herdeiras de Glória Maria

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentada como requisito para obtenção
do título de bacharel em Jornalismo do
Instituto Brasileiro de Ensino,
Desenvolvimento e Pesquisa – IDP.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Maíra de Deus
Brito

Brasília – DF

2024

Código de Catalogação na Publicação - CIP

G172m Gallo, Elisiele Máximo da Silva

Mulheres negras no Jornalismo: uma análise do grupo herdeiras de Glória Maria/ Elisiele Máximo da Silva Gallo. – Brasília: IDP, 2024.

35 p. : il. color.

Inclui bibliografia.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Jornalismo) – Instituto Brasileiro de Ensino, Desenvolvimento e Pesquisa – IDP, 2024.

Orientador: Prof^a. Dr^a. Maíra de Deus Brito.

1. Jornalismo brasileiro. 2. Herdeiras de Glória Maria. 3. Mulheres negras – Jornalismo - Brasil. I. Título.

CDD 070

ELISIELE MÁXIMO DA SILVA GALLO

Mulheres negras no Jornalismo: uma análise do grupo Herdeiras de Glória Maria

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentada como requisito para obtenção
do título de bacharel em Jornalismo do
Instituto Brasileiro de Ensino,
Desenvolvimento e Pesquisa – IDP.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Maíra de Deus
Brito

Brasília, 04 de Novembro de 2024.

Banca Examinadora

Prof^a. Dr^a. Maíra de Deus Brito

Prof^a. Dr^a. Isa Stacciarini

Prof. Dr. Guilherme Di Angellis

Brasília – DF

2024

Trabalho dedicado à minha mãe, uma verdadeira guerreira, que sempre me ensinou a importância da educação e, em memória a Glória Maria, uma mulher e jornalista negra a frente do seu tempo, deixando um grandioso legado.

AGRADECIMENTOS

Diante de muitos desafios ao longo da minha vida, realizar uma transição de carreira, somente se tornou possível, porque pessoas especiais me apoiaram e me deram todo o suporte necessário para seguir com o sonho e desejo que sempre habitou no meu coração: cursar jornalismo e um dia trabalhar na área da comunicação.

Primeiramente irei agradecer a Deus, dono da minha vida e história. Sem ele, nada seria possível, sinto a presença dele em cada realização, me guiando nas decisões, oportunidades, experiências acadêmicas que foram extraordinárias, sinto o agir dele em tudo, me dando forças e discernimento para continuar, realizar os estudos e meu sonho de um dia ser uma jornalista que possa impactar positivamente a vida das pessoas.

Minha mãe que sempre me ensinou a importância dos estudos, ela não teve a oportunidade de um dia se formar, mas se hoje estou finalizando a minha segunda graduação com certeza, minha maior fonte de inspiração e motivação é ela. Sua força e potência de mulher me inspira todos os dias. Ao meu marido e grande companheiro que em todos os momentos bons e ruins, sempre esteve ao meu lado, me incentivando e encorajando a seguir. Ele nunca soltou a minha mão e serei eternamente grata por todo o amor, suporte e apoio.

À professora Rosângela, que transmite seu amor pela educação nos pequenos gestos, me ajudou desde o início do trabalho, me motivou com tema e a seguir com a pesquisa, me orientado de forma cuidadosa, sábia, trazendo seu conhecimento e expertise para que eu pudesse fazer esse trabalho acadêmico da melhor forma possível.

À minha orientadora Máira de Deus Brito que acreditou em mim e no meu potencial me encorajando nos momentos de desânimo e tornando esse processo leve e ao mesmo tempo rico através das suas experiências. À professora Isa Stacciarini, que foi fonte de inspiração e profissionalismo durante a minha jornada acadêmica. À professora Renata Malheiros, que me apresentou o grupo Herdeiras de Glória Maria e no mesmo instante me apaixonei. À jornalista e apresentadora Cris Guterres, que desde o primeiro momento se prontificou a colaborar com o estudo e com o documentário.

Gostaria de expressar minha profunda gratidão ao Instituto Brasileiro de Ensino, Desenvolvimento e Pesquisa (IDP) por me proporcionar a oportunidade de realizar o curso dos meus sonhos: Jornalismo. Essa jornada foi transformadora, repleta de

aprendizados e experiências inesquecíveis, viagens acadêmicas, experiência profissional, mentoria de carreira, uma faculdade que abre um universo de possibilidades para o aluno e faz acreditar que podemos alçar voos altos e possíveis. Vivi um sonho real.

*"Maria, Maria, é o som, é a cor, é o suor
É a dose mais forte e lenta
De uma gente que rí quando deve chorar
E não vive, apenas aguenta*

*Mas é preciso ter força, é preciso ter raça
É preciso ter gana sempre
Quem traz no corpo a marca, Maria, Maria
Mistura a dor e a alegria*

*Mas é preciso ter manha, é preciso ter graça
É preciso ter sonho sempre
Quem traz na pele essa marca possui
A estranha mania de ter fé na vida..."
(Nascimento, Brant; 1978)*

RESUMO

O presente trabalho de conclusão de curso se apresenta como produto em formato de documentário. Ele propõe se aprofundar no tema da mulher negra no jornalismo, analisando o grupo Herdeiras Glória Maria. Jornalista, repórter e apresentadora da televisão brasileira, Glória Maria Matta da Silva é uma das figuras mais emblemáticas e pioneiras do jornalismo brasileiro. Sua carreira teve início no telejornalismo, em que rapidamente se destacou por sua habilidade de reportagem e pela sua presença carismática diante das câmeras. Em 2022, o grupo inspirado na jornalista foi criado. Em fevereiro do ano seguinte, a jornalista homenageada faleceu em decorrência da metástase de um câncer no pulmão. Sua notoriedade desafiou estereótipos raciais e de gênero em uma época em que a presença de mulheres negras na televisão era praticamente inexistente. Estudar a vida e a carreira de Glória Maria e do grupo como fonte do seu legado é essencial para compreender os avanços e desafios no campo do jornalismo e na luta por igualdade racial e de gênero no Brasil. É uma maneira de fortalecer a temática, trazendo inspiração para gerações futuras de jornalistas negros e negras, e demonstrando que é possível quebrar barreiras e promover a diversidade.

Palavras-chave: Glória Maria Matta da Silva. Herdeiras de Glória Maria. Jornalismo brasileiro. Mulheres Negras. Telejornalismo.

ABSTRACT

The present final thesis is presented as a product in documentary format. It aims to delve deeper into the theme of Black women in journalism by analyzing the group Herdeiras de Glória Maria. Brazilian journalist, reporter, and television presenter Glória Maria Matta da Silva is one of the most emblematic and pioneering figures in Brazilian journalism. Her career began in broadcast journalism, where she quickly stood out for her reporting skills and charismatic on-camera presence. In 2022, a group inspired by the journalist was created. In February of the following year, the honored journalist passed away due to lung cancer metastasis. Her prominence challenged racial and gender stereotypes at a time when the presence of Black women on television was nearly non-existent. Studying Glória Maria's life and career, as well as the group inspired by her, is essential to understanding the advances and challenges in journalism and the fight for racial and gender equality in Brazil. It strengthens this theme, bringing inspiration to future generations of Black journalists and showing that breaking barriers and promoting diversity is indeed possible.

Keywords: Glória Maria Matta da Silva. Herdeiras de Glória Maria. Brazilian Journalism. Black Women. Broadcast Journalism.

LISTA DE FIGURAS E ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Formatura da 4ª Série do 1º grau na Escola classe 04 do Núcleo Bandeirante (2000)	14
Figura 2 - Formatura do curso de Pedagogia na Universidade de Brasília, em 2012	16
Figura 3 - Trajetória na educação, minhas formaturas do ensino fundamental, médio e primeira graduação em pedagogia	18
Figura 4 - – Pesquisa “Jornalismo brasileiro: raça e gênero de quem escreve nos principais jornais do país” (2021).....	22

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

Abraji – Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo

BRB – Banco de Brasília

GEMAA – Grupo de Estudos Multidisciplinares da Ação Afirmativa

IDP – Instituto de Desenvolvimento e Pesquisa

IESB – Instituto de Educação Superior de Brasília

ODS 5 – Objetivo de Desenvolvimento Sustentável 5 (igualdade de gênero e empoderar todas as mulheres e meninas)

ONU – Organização das Nações Unidas

Pnud – Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento

SP – São Paulo

TV – Televisão

UERJ – Universidade do Estado do Rio de Janeiro

UnB – Universidade de Brasília

SUMÁRIO

1	MEMORIAL	14
2	INTRODUÇÃO.....	19
2.1	Contextualização do tema	19
2.2	Pergunta norteadora/problema.....	20
2.3	Objetivo Geral	20
2.4	Objetivos Específicos.....	20
2.5	Justificativa.....	20
3	REFERENCIAL TEÓRICO	23
3.1	Introdução ao telejornalismo: História da TV e do rádio	23
3.2	Teorias da Representatividade e Identidade	24
3.3	Representatividade da mulher negra no Brasil.....	26
3.4	O grupo “Herdeiras de Glória Maria”	27
4	DESENVOLVIMENTO	28
4.1	Pré-produção:.....	29
4.2	Produção	30
4.3	Pós-Produção	31
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	32
	REFERÊNCIAS.....	35
	APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....	36
	APÊNDICE B – PERGUNTAS PARA ENTREVISTA COM AS HERDEIRAS DE GLÓRIA MARIA	38

1 MEMORIAL

“[...] É preciso ter sonho sempre, quem traz na pele essa marca possui a estranha mania de ter fé na vida [...]” (Nascimento, Brant; 1978)

Uma mulher negra, filha de empregada doméstica e mãe solo. Brasileira, sempre estudei em escola pública até a 4ª série do ensino fundamental. Da 5ª série em diante, ganhei bolsa de estudos em uma escola particular, onde a maioria dos estudantes eram pessoas brancas. Vivi desde pequena a discriminação racial: “brincadeiras” sobre o meu cabelo e tom da pele, além de ser subestimada em todos os aspectos. No meu ciclo de amizade e convivência sempre vi mulheres brancas, mães de amigas alcançando o sucesso, sendo diretoras, funcionárias públicas, etc. Fui crescendo com o sentimento de que não conseguiria alcançar lugares de alto nível ou ser uma pessoa bem-sucedida, pois a maioria delas eram mulheres brancas. Na minha mente, eu só conseguia me imaginar ocupando lugares onde estaria servindo essas pessoas. Recorro a Lélia Gonzalez para expressar melhor esse sentimento:

O privilégio racial é uma característica marcante da sociedade brasileira, uma vez que o grupo branco é o grande beneficiário da exploração, especialmente da população negra. E não estamos nos referindo apenas ao capitalismo branco, mas também aos brancos sem propriedade dos meios de produção que recebem seus dividendos do racismo. Quando se trata de competir no preenchimento de posições que implicam recompensas materiais ou simbólicas, mesmo que os negros possuam a mesma capacitação, os resultados, são sempre favoráveis aos competidores brancos. (Gonzalez, 2020 p. 46).

Figura 1 - Formatura da 4ª Série do 1º grau na Escola classe 04 do Núcleo Bandeirante (2000)



Fonte: Da autora, 2000.

Quando se nasce pobre, mulher e negra as barreiras são inúmeras. Encontrei dificuldades para ingressar no ensino superior, tive que trabalhar primeiro como atendente do antigo Banco de Brasília Conveniência (BRB Conveniência) para conseguir poupar um dinheiro e assim ingressar no ensino superior. Obtive a feliz oportunidade de passar em 1º lugar no vestibular no Instituto de Educação Superior de Brasília - IESB e ganhar uma bolsa integral, mas a sensação de tranquilidade e os privilégios nunca existiram. A agência onde trabalhava fechou, todos foram mandados embora e me vi tendo que recalculer a rota e buscando outra alternativa. Imediatamente veio a universidade pública, pois caso acontecesse algo parecido novamente, eu não teria a preocupação de pagar a mensalidade e concluir o ensino superior.

Há anos, Lélia chamava atenção para o local ocupado por mulheres negras no Brasil:

87% das trabalhadoras negras exercem ocupações manuais, justamente nos setores ou subsetores de menor prestígio e pior remuneração; e que 60% dessas trabalhadoras não têm carteira assinada. Por essas e outras é que a mulher negra permanece como setor mais explorado e oprimido da sociedade brasileira, uma vez que sofre uma tríplice discriminação (social, racial e sexual). (Gonzalez, 2020, p. 217).

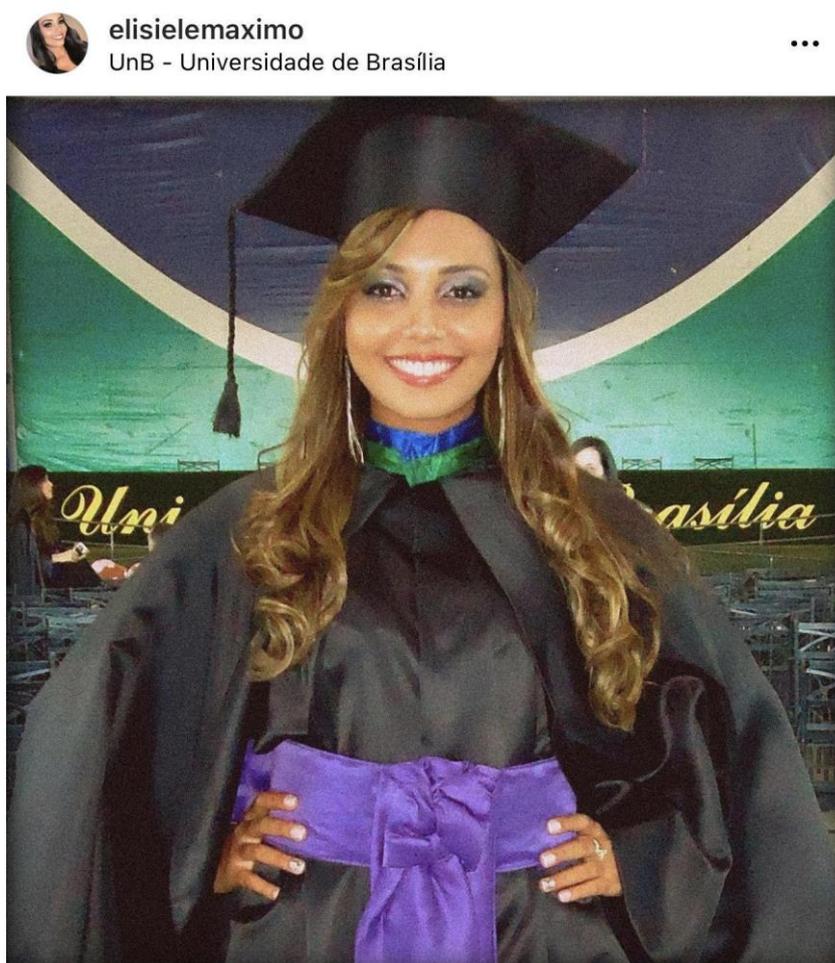
Corri atrás e consegui passar na Universidade de Brasília (UnB) por meio de transferência facultativa. Assim, concluí minha primeira graduação em Pedagogia e trabalhei por 12 anos na educação infantil, uma profissão voltada ao cuidado. No entanto, isso não me protegeu de vivenciar diversas formas de violência e preconceito. Enfrentei diversos tipos de preconceitos e assédios pelo fato de ser mulher e professora primária; e por estar em uma função de cuidado, em que mulheres negras servem os filhos das mulheres brancas. Já fui chamada para ser babá nas casas das mães dos meus alunos e escutei várias vezes que eu era paga para servir. Era minha obrigação fazer o direito/correto, ou seja, proibido falhar ou ter intercorrências na função de professora e cuidadora de famílias com a classe social superior que a minha.

Apesar do meu amor pela educação e satisfação em ver o progresso e desenvolvimento dos meus alunos, o incômodo em dar o próximo passo era constante. Não me contentava em estar nessa posição para sempre em minha vida, não pela educação, mas sim pela desvalorização e falta de respeito com a profissão. O desejo do meu coração em cursar comunicação foi se intensificando cada vez mais, porém sempre

empurrava com a barriga e, no fundo, achava que estava louca por querer algo mais. Meus pensamentos me sabotavam a todo momento: *Para que ser ambiciosa? Uma mulher como você? Acha que vai conseguir? Já tem uma graduação, por que mais? Tão ingrata? Se contente com o que tem, já é muito.* Essa barreira invisível sempre esteve comigo.

As coisas mudaram em 2020, durante a pandemia de Covid-19, quando tive um esgotamento profissional¹ e me vi tomando a decisão em deixar a carreira de pedagoga. Logo depois, decidi realizar uma desafiante transição de carreira e comecei a cursar jornalismo e publicidade em 2021 no Instituto Brasileiro de Ensino, Desenvolvimento e Pesquisa (IDP).

Figura 2 - Formatura do curso de Pedagogia na Universidade de Brasília, em 2012



¹ Fui diagnosticada com a Síndrome de Burnout, também conhecida como Síndrome do esgotamento profissional, ela é um distúrbio emocional com sintomas de exaustão extrema, estresse e esgotamento físico resultante de situações de trabalho desgastante.

Fonte: Da autora, 2012.

Olhando minha trajetória, vejo como é importante ter um movimento em que mulheres, principalmente mulheres negras, possam se apoiar, encorajar umas às outras, trocar experiências pessoais e profissionais, compartilhar conhecimento para combater o preconceito e além possam sonhar alto, serem ambiciosas, se verem em lugares de liderança, terem qualidade de vida, frequentar lugares bons, terem experiências extraordinárias de vida.

Fazendo a disciplina optativa de *Liderança Feminina* ministrada pela professora Renata Malheiros e Ana Carolina no 6º semestre de Jornalismo, e conversando sobre a necessidade de falar sobre mulheres, sobretudo de mulheres negras no jornalismo, a professora Renata me apresentou o grupo Herdeiras de Glória Maria. No mesmo instante, me apaixonei – sem mesmo conhecer o grupo a fundo, pois a proposta casou com o que acredito: “se quiser ir rápido vá sozinho, se quiser ir longe vá em grupo”(Provérbio africano).² Acredito na força do coletivo e na importância da organização de mulheres negras no processo de transformação social, para que outras mulheres que compartilham das mesmas dores, inseguranças, dúvidas e incertezas – bem como as conquistas e os resultados positivos possam se unir, ter exemplos, perspectivas, esperança e ambições pessoais e profissionais para trilhar um caminho seguro e de sucesso em suas vidas.

Este é o objetivo desta pesquisa acadêmica: trazer a perspectiva do grupo mediante estudo e análise das Herdeiras de Glória Maria, além de consagrar a conclusão do curso de uma maneira especial e melhor do que eu poderia imaginar. Me formar aos 35 anos em jornalismo, em um curso que sempre sonhei desde adolescente, em que comecei a traçar meu caminho profissional e me visualizar trabalhando na área. Mas agora com um propósito maior do que simplesmente uma realização pessoal e profissional, mas sim dar visibilidade ao grupo, para que mais pessoas possam conhecer a iniciativa e que, um dia, muitas mulheres possam se espelhar e estar conectadas com o mesmo objetivo em comum: dar espaço e oportunidades para outras mulheres crescerem.

Não conseguimos mudar o mundo, mas ajudar uma pessoa pode mudar o mundo dela. Essa com certeza, é a grande motivação de vida e deste trabalho. Como diz Paulo

² Provérbio africano uma sentença moral que expressa uma verdade adquirida por meio da experiência de vida de uma comunidade.

Freire³: “A educação não transforma o mundo. Educação muda as pessoas. Pessoas transformam o mundo” (Freire, 1987).

Figura 3 - Trajetória na educação, minhas formaturas do ensino fundamental, médio e primeira graduação em pedagogia



Fonte: Da autora, 2012.

“A educação é o grande motor do desenvolvimento pessoal. É através da educação que a filha de um camponês pode se tornar médica, que o filho de um mineiro pode se tornar o chefe da mina, que o filho de trabalhadores rurais pode se tornar o presidente de uma grande nação”(Mandela, 1918-2013⁴).

“A educação é o passaporte para a libertação da mente, e a única maneira de criar um futuro melhor” (Winfrey,1954-⁵).

³ Educador e filósofo brasileiro, considerado um dos pensadores mais notáveis na história da pedagogia.

⁴ Nelson Rolihlahla Mandela (1918-2013) foi presidente da África do Sul entre os anos de 1994 a 1999.

⁵ Oprah Gail Winfrey (1954-) é apresentadora, jornalista, atriz, produtora, editora e escritora norte-americana.

2 INTRODUÇÃO

2.1 Contextualização do tema

As mulheres negras no jornalismo desempenham um papel importante na promoção da diversidade e na quebra de estereótipos arraigados na sociedade. Ao longo da história, suas contribuições foram minimizadas ou ignoradas, o que reflete as estruturas profundamente enraizadas de discriminação racial e de gênero na sociedade. No entanto, temos testemunhado um movimento crescente de mulheres negras que apesar das dificuldades abriram portas para outras mulheres negras darem seus passos no jornalismo.

Dentro deste contexto, a jornalista Glória Maria (1949-2023) representa o pioneirismo, em diversas frentes. Segundo Hora (2018, p.13) foi a primeira jornalista negra a se destacar na televisão brasileira e a entrar ao vivo e em cores no Jornal Nacional, também foi a pioneira como repórter que apareceu diante das câmeras em noticiários televisivos. A primeira jornalista mulher a cobrir uma guerra e a usar a Lei Afonso Pena Arinos, após sofrer diversos ataques racistas.

O objeto de estudo da presente pesquisa é o grupo “Herdeiras de Glória Maria”. O grupo é formado por jornalistas negras que buscam continuar com o legado de Glória Maria. É uma equação entre acolhimento, incentivo, troca de experiências, ensinamentos, suporte, cuidado, em um nível de cumplicidade que só atinge quem tem similaridades profundas.

A ausência da decupagem completa das entrevistas no presente documentário se deve à necessidade de preservar o material inédito para possíveis trabalhos posteriores. O conteúdo coletado possui grande relevância e potencial para novas produções, análises acadêmicas ou desdobramentos jornalísticos, sendo essencial resguardar o material bruto para futuras utilizações. Além disso, o acesso integral às entrevistas poderia comprometer o ineditismo de partes essenciais do documentário, prejudicando sua originalidade e impacto. Dessa forma, optou-se por apresentar apenas os trechos selecionados que compõem a narrativa final, garantindo que o material exclusivo continue disponível para novos projetos e aprofundamentos temáticos.

2.2 Pergunta norteadora/problema

Como as experiências, trajetórias individuais e contribuições profissionais das “Herdeiras de Glória Maria” influenciam a dinâmica da representatividade e diversidade no jornalismo contemporâneo, destacando os desafios enfrentados e os caminhos que delineiam para uma mídia mais inclusiva e plural?

2.3 Objetivo Geral

Produzir um documentário a fim de analisar o papel do grupo “Herdeiras de Glória Maria” no contexto do jornalismo, investigando suas trajetórias profissionais, desafios enfrentados e contribuições para a transformação da representatividade e diversidade de mulheres negras no cenário midiático.

2.4 Objetivos Específicos

- Compreender o papel da mulher negra no jornalismo brasileiro;
- Estudar, a partir do viés teórico, o contexto e o papel da mulher negra no jornalismo no Brasil;
- Apresentar a relevância do grupo “Herdeiras de Glória Maria”.
- Observar a dinâmica do grupo “Herdeiras de Glória Maria”.

2.5 Justificativa

Apesar da tentativa de mantê-lo escondido, o racismo no Brasil é estrutural e notavelmente presente. Por isso, o propósito deste estudo, é destacar a realidade e as dificuldades enfrentadas por mulheres negras ao buscar oportunidades no mercado de trabalho, com foco na atividade profissional das jornalistas negras. Estudar essa temática no âmbito acadêmico, ganha força quando refletimos a necessidade de dar visibilidade e reconhecimento ao papel das mulheres negras em uma profissão historicamente dominada por homens brancos.

Além disso, o grupo Herdeiras de Glória Maria oferece um estudo oportuno para entender melhor os desafios enfrentados por essas profissionais dentro da indústria do jornalismo, desde o acesso à formação até as oportunidades de ascensão profissional. A

escolha desse tema é motivada na importância de compreender a representatividade e diversidade no jornalismo, visto que são questões fundamentais para uma sociedade inclusiva. O estudo apresenta uma abordagem inédita, por ser o primeiro a analisar o grupo Herdeiras de Glória Maria. No âmbito acadêmico é o primeiro trabalho de conclusão de curso trazendo a análise do grupo, visto que foi criado em junho de 2022 e inspirado na profissional citada. O grupo foi criado para dividir as delícias e as dores que as mulheres negras vivem, como o racismo na profissão, em que a temática pode ser abordada em um lugar seguro.

Deste modo, o estudo e a produção do documentário é uma oportunidade para oferecer visibilidade ao grupo Herdeiras de Glória Maria e demonstra potencial para contribuir com o jornalismo brasileiro. Documentar a trajetória do grupo enriquece o campo da pesquisa sobre a representatividade e a inclusão das mulheres negras no jornalismo, enriquecendo a pluralidade de vozes e perspectivas de mídia como também desempenha um papel fundamental na luta pela igualdade racial e de gênero. Estudar e pesquisar a importância da mulher negra no jornalismo brasileiro, servirá como base futuras pesquisas acadêmicas, para que outras estudantes negras de jornalismo possam continuar dando voz e vez para a discussão tão importante e necessária, pois no contexto contemporâneo, observa-se um avanço significativo na presença de mulheres negras em redações e na indústria jornalística.

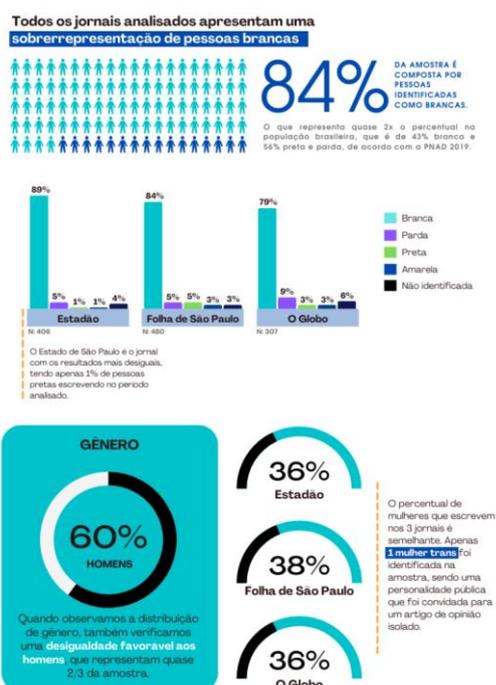
O documentário permite aplicar na prática tudo o que foi aprendido ao longo do curso, como pesquisa, apuração, roteiro, entrevistas, captação de imagens e edição. Diferente de matérias mais curtas, o documentário oferece espaço para aprofundar temas relevantes, permitindo uma análise crítica e mais reflexiva. **Portfólio e Destaque Profissional:** Como foi um documentário produzido com muito cuidado, trabalho e carinho, serve como cartão de visita ao mercado de trabalho, mostrando suas habilidades técnicas e criativas para potenciais oportunidades de trabalho. **Impacto Social e Relevância:** Documentários têm o poder de informar, sensibilizar e até mobilizar a sociedade em torno de causas importantes, como o das **herdeiras de Glória Maria**, consolidando o papel do jornalista como agente de mudança. **Interdisciplinaridade e Criatividade:** Esse formato integra elementos de cinema, comunicação visual e storytelling, incentivando inovação e liberdade criativa no jornalismo. No seu caso, o documentário "**Herdeiras de Glória Maria**" pode ser uma

excelente forma de homenagear a trajetória da jornalista e destacar novas vozes femininas no jornalismo, algo de extrema importância no contexto atual.

No entanto, apesar do progresso, persistem desafios significativos, pois o número de discriminação de gênero e raça ainda são altos.

Para corroborar, utilizo dados do Grupo de Estudos Multidisciplinar da Ação Afirmativa (GEMAA). Em 2021, o grupo produziu a pesquisa “Jornalismo brasileiro: raça e gênero de quem escreve nos principais jornais do país”. A análise considerou os três maiores veículos impressos do país (O Globo, Folha de São Paulo e Estado de São Paulo) e constatou o que é visto e sentido: predominância de pessoas brancas e de homens, o que provoca “um olhar sobre o mundo privilegiado e pouco condizente com a realidade nacional” (Portela, Feres Jr.; 2021).

Figura 4 - – Pesquisa “Jornalismo brasileiro: raça e gênero de quem escreve nos principais jornais do país” (2021)



Fonte: Portela, Feres Jr.; 2021.

A academia e o mercado de trabalho devem continuar a investigar e implementar estratégias que facilitem a entrada, a permanência e o progresso de mulheres negras no campo jornalístico, garantindo que suas contribuições sejam plenamente reconhecidas e valorizadas, continuando assim, o legado de Glória Maria.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

O referencial teórico da pesquisa é variado. Vai desde textos clássicos de Lélia Gonzalez, filósofa mineira precursora no debate sobre a intersecção de gênero e raça, até dados como aqueles produzidos pelo Grupo de Estudos Multidisciplinar da Ação Afirmativa (GEMAA). O grupo da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ) revelou informações essenciais que reforçam a importância do tema aqui abordado.

Autoras como Cida Bento, Aline Melo e Ana Paula G. Ribeiro também aparecem aqui. Suas obras auxiliam na compreensão e análise do papel da mulher negra no jornalismo e como isso se configura na representatividade midiática e na construção de narrativas sociais. Ao refletir sobre mulheres negras no jornalismo, abre-se espaço para a abordagem crítica e a implementação de medidas que promovam a equidade, contribuindo para uma mídia mais inclusiva e representativa.

3.1 Introdução ao telejornalismo: História da TV e do rádio

Sabe-se que a televisão brasileira é marcada pela presença de figuras importantes na construção de suas narrativas, e o telejornalismo se destaca como um meio relevante para a representação da mulher negra neste cenário. E quando se fala de mulheres negras no telejornalismo, a presença da Glória Maria apresenta influência e legado. A carreira da jornalista está atrelada à história da televisão.

Neste contexto, em 1950, como aponta Fabbri Junior (2024), um ano seguinte ao nascimento de Glória Maria, foi inaugurada a primeira emissora de TV do Brasil. A chegada da televisão trouxe vida às informações que eram feitas inicialmente somente nas rádios. O novo meio de comunicação, inicialmente era considerado elitista, visto que o aparelho era do preço de um carro. Na época, apesar da TV ser vista como um meio democrático, sua acessibilidade era limitada, levando muitas pessoas a assistirem televisão na casa de vizinhos.

Como aponta Ribeiro (2010), o rádio era o meio de massa, em que o público buscava informações e entretenimento. As reações depois do surgimento da TV da época eram as mais diferentes, pois as primeiras imagens eram onduladas, pouco nítidas e imprecisas. O brinquedo do século XX, segundo o autor, tornava possível os múltiplos

sentidos por meio da visão, da audição e em múltiplas percepções sensoriais, tornando-se mais fácil o reconhecimento daqueles que ficavam encobertos pelo som da voz nas emissoras de rádio.

Já a televisão transforma seus personagens em rostos visíveis. Após dez anos de existência, antes artigo de luxo, a televisão torna-se acessível ao número cada vez maior de pessoas e foi perdendo a característica de “lazer noturno” familiar e estende a programação para os horários matutino e vespertino e firma-se como instrumento de lazer e informação para todos, ajustando, cada vez mais à rotina de horários de uma casa. Nos anos 1970, a TV Globo se consolidou como a maior emissora no Brasil e estende a ideia de que a televisão é um produto familiar em nível nacional. E na perspectiva da emissora, o principal produto dos novos tempos seria o jornalismo. E o interesse pelo jornalismo foi a segunda grande mudança no comportamento do telespectador nos anos 1990, aponta Ribeiro (2010).

O telejornalismo surge como uma virada na história da comunicação, como destaca Aline Melo (2022). Ele conquistou o público e se tornou uma mídia tanto de lazer e diversão como de informação. Na primeira metade de 1990, as âncoras foram hipervalorizadas e todas as emissoras passaram a reconhecer sua importância, disputando os melhores profissionais do mercado. O questionamento dessa pesquisa é o seguinte: será que entre esses profissionais disputados estavam mulheres negras?

3.2 Teorias da Representatividade e Identidade

Fazendo a disciplina de liderança feminina como matéria optativa no 6º semestre, foi discutido o conceito de *dream gap* ou “lacuna dos sonhos”, que segundo Brasil (2023), é um termo que se refere à diferença de oportunidades e expectativas entre meninas e meninos durante sua infância. É uma barreira invisível que pode limitar o potencial das meninas e restringir suas ambições, levando a desigualdades de gênero no futuro. O *dream gap* pode se manifestar de várias maneiras. As meninas podem ser desencorajadas a perseguir carreiras em campos considerados “para meninos”, como ciência, cargos de liderança, tecnologia, engenharia e matemática. Elas podem ser subestimadas em suas habilidades, receber menos apoio educacional ou enfrentar estereótipos de gênero que as limitam. Para impedir isso é preciso proporcionar acesso igualitário à educação, encorajar

e apoiar suas ambições e aspirações, e desafiar os estereótipos de gênero que limitam seu potencial. Segundo o Instituto Aurora⁶:

a discriminação baseada no gênero é constantemente atravessada por outras, principalmente envolvendo raça e classe. As relações entre as diferentes formas de opressão compõem o que chamamos de **interseccionalidade**. Por este motivo, o ODS 5 da ONU (objetivos de desenvolvimento sustentável) – que aborda a igualdade de gênero – é central para a Agenda 2030 (Instituto Aurora, 2020).

É importante criar um ambiente inclusivo e capacitador, em que meninas e meninos possam explorar seus interesses e talentos sem restrições baseadas no gênero. Para garantir que todas as crianças tenham a liberdade de perseguir seus sonhos, independentemente do seu gênero.

Nesse sentido, a igualdade de gênero e raça no jornalismo mesmo na contemporaneidade é algo que ainda precisa evoluir. Sabe-se que inicialmente os homens eram maioria na apresentação dos telejornais. Renault (2018, p. 298), também destaca que, embora as mulheres representem 52% da população, sua presença na televisão, não ultrapassa os 36% do tempo de exposição mesmo em países avançados. Segundo a Associação Brasileira de Jornalismo (Abraji), que realizaram uma pesquisa inédita no Brasil, para investigar os desafios enfrentados pelas mulheres no exercício da profissão jornalística:

Na década de 30, as empresas jornalísticas eram pensadas e somente construídas para homens, nem havia banheiro feminino. Em muitos veículos, quando o trabalho era mais árduo durante a noite, mulheres não eram aceitas como telefonistas, passaram a serem aceitas durante o dia para servir café, telefonistas ou faxineiras. Circulavam somente na área de serviço. Nas redações jornalísticas eram poucas, hoje são a maioria, mas a situação não é das melhores; 86% das 40 entrevistadas já sofrem discriminação de gênero no trabalho seja na contratação, demissão, definição de salário, distribuição de tarefas, oportunidade de crescimento profissional; 83,6% violência psicológica nas redações; 64% já sofreram abuso de poder de chefes ou fontes; 92,3% já ouviram piadas machistas em seu ambiente de trabalho; 73% das mulheres já escutaram piadas ou comentários de natureza sexual sobre mulheres. O assédio é recorrente; 70% já receberam cantadas; 32% já foram tocadas em parte do corpo, por colegas superiores, fontes ou desconhecidos sem seu consentimento; 46% relataram que nas empresas onde trabalham não possuem canais de denúncia de assédio ou discriminação de gênero (Abraji, 2020).

⁶ Instituto Aurora é uma organização brasileira sem fins lucrativos que atua na promoção da equidade de gênero e no enfrentamento à violência contra a mulher.

Diante desta realidade, refletir sobre o papel da representatividade da mulher negra no telejornalismo, diante de um ponto de vista analítico, torna-se urgente. Assim, quando se apresenta o papel da Glória Maria no telejornalismo, destaca-se a relevância das mulheres negras ocuparem mais espaços nessa área profissional. O crescimento é gradativo, mas ainda não é igualitário. Existem barreiras como o preconceito de gênero e raça, assédios, violências que enfrentam no seu trabalho, bem como estereótipos impostos para se estar na TV.

Como apontam Emerim e Silva (2023), o cenário do telejornalismo brasileiro, inicialmente, não questionou a sub-representação racial dos profissionais negros. Atualmente, observa-se um crescente movimento de valorização da diversidade étnica, respeitando e reconhecendo a identidade racial como parte integrante da imagem discursiva.

Essa tendência é uma oportunidade que merece ser fortalecida e expandida progressivamente. Deste modo, o papel da Glória Maria ganha destaque como pioneira da representatividade da mulher negra no telejornalismo.

3.3 Representatividade da mulher negra no Brasil

Uma pesquisa sobre o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento Humano (Pnud), divulgada em maio de 2024, apresenta o relatório que avalia o desenvolvimento do Brasil antes e depois da pandemia de Covid-19. Falando sobre gênero e raça, a pesquisa foi feita para aprofundar o entendimento sobre as desigualdades brasileiras, o Pnud investigou, com dados para 2021, o recorte populacional mais vulnerável do Brasil: *as mulheres negras*. A análise permitiu observar discrepâncias extremas que não aparecem quando analisados os indicadores pela média do país — ou mesmo pela performance média da população negra ou da população de mulheres. Entre 2012 e 2021, observou um avanço pequeno em Educação, mas perdas de renda e de expectativa de vida, especialmente para as mulheres negras.

O Brasil tem 60 milhões de mulheres negras, quase 30% da população; 48 milhões estão em idade ativa e recebem apenas o equivalente a 10,7% da renda total do trabalho no país, segundo a pesquisa e o Pnud. No que diz a respeito da inserção da mulher negra no mercado de trabalho, retomo os escritos de Lélia Gonzalez (2020, p. 159). Há anos, a

pesquisadora mineira alertava sobre o trabalho manual ser majoritariamente concentrado (92,4%) em mulheres negras, ou seja, mais do que o quinto da força de trabalho negra ocupam ofícios caracterizados por níveis baixos de remuneração e escolarização.

A representatividade da mulher negra no Brasil ocupando lugares de liderança, empresárias, administradoras e no ensino superior ainda é limitado, diante dos dados. Assim, pode-se concluir, de acordo com a autora, que a discriminação de sexo e raça faz das mulheres negras o segmento mais explorado e oprimido da sociedade brasileira, limitando suas possibilidades de ascensão. Por isso o movimento negro, mesmo encontrando as barreiras do preconceito é extremamente relevante na luta antirracista e que jornalistas negras que tem o dom da comunicação possam cada vez mais usar de sua voz, coragem e influência para fortalecer o debate e a causa.

3.4 O grupo “Herdeiras de Glória Maria”⁷

O grupo Herdeiras de Glória Maria teve seu início em junho de 2022, inspirado em Glória Maria – jornalista que desafiou os padrões ao ocupar espaços predominantemente ocupados por pessoas brancas, especialmente na televisão. Sua trajetória pioneira serviu de inspiração para outras mulheres. Foi a partir dessa motivação que Cris Guterres, jornalista e apresentadora da TV Cultura, e Letícia Vidica, jornalista, apresentadora e palestrante, tiveram a ideia de criar o grupo de forma informal, visando fortalecer as profissionais negras no campo da comunicação.

O primeiro encontro foi um jantar com 20 mulheres e ali elas entenderam a necessidade do grupo e dessa rede de apoio como o objetivo de fortalecer, encontrar acolhimento e troca de experiências. A mulher já encontra diversas dificuldades no mercado de trabalho, como a jornada dupla e o machismo. Quando falamos da mulher negra, essa dificuldade se torna maior e o sentimento de inadequação é constante, pois jornalistas negras ocupando o lugar de protagonismo como apresentadoras e nas redações ainda é baixo. A ideia de fazer uma análise do grupo é justamente para mostrar a importância e relevância da rede de apoio, para que essas profissionais possam se fortalecer e enfrentar as adversidades de uma sociedade que estruturalmente é preconceituosa. Falar dos obstáculos é importante para o fortalecimento, driblando o

⁷ Atualmente concentrado em São Paulo, o grupo é composto por mais de 60 jornalistas.

cenário de segregação e encontrando possibilidades e caminhos que podem ser percorridos no jornalismo.

Como muitas mulheres negras se inspiravam em Glória, o grupo carrega a essência da resistência e reconhecimento de sua trajetória. Reverberar vozes das minorias políticas para que criem coragem e força para tornar realidade seus sonhos, anseios profissionais, crescimento pessoal e profissional. Atualmente, o grupo possui mais de 60 jornalistas com o mesmo objetivo: crescer em bloco, fazer amizades, *networking* e apoio. O grupo está crescendo, amadurecendo e trazendo como fruto muitos exemplos positivos como: mulheres que tinham certo medo de mudança e conseguiram tomar decisões importantes profissionais, tornando-se cada vez mais protagonistas das suas histórias, na frente de projetos e produção de conteúdo nas redes sociais.

O grupo também conta com fortalecimento psicológico, emocional, laços de amizades que se estenderam para a vida. A análise do grupo é para mostrar a importância e relevância deste grupo para a sociedade e várias outras mulheres negras que sonham alto, desejam ocupar lugar de notoriedade e destaque.

4 DESENVOLVIMENTO

O documentário é produto midiático e tem como tema o grupo Herdeiras de Glória Maria, localizado em São Paulo (SP). O grupo busca criar um espaço de acolhimento e troca de experiências, em que as jornalistas possam encontrar apoio mútuo, desenvolver suas carreiras e celebrar suas identidades. Ainda existem muitos desafios pela frente, como a falta de recursos. Isso limita a expansão da equipe e o investimento em formação contínua. Hoje, não existe um espaço físico para a realização dos encontros, o que dificulta a promoção de eventos e encontros que fomentem a troca de experiências e *networking* – essenciais para o fortalecimento do grupo. Atualmente, os encontros são celebrados em restaurantes ou nas casas de alguns jornalistas. Inclusive, o documentário foi produzido na casa da jornalista Cris Guterres, em São Paulo.

A ausência de patrocínios e apoio externo restringe a visibilidade e a capacidade de impactar mais pessoas, dificultando a criação de oportunidades e a ampliação da representatividade no jornalismo. O principal motivo do documentário é narrar a motivação por trás da criação, mostrando como essas jornalistas se inspiram no legado de

Glória Maria para enfrentar os desafios da profissão e da sociedade, ilustrar como a união e a partilha de experiências fortalecem essas mulheres, permitindo-lhes conquistar espaços que antes lhes eram negados.

Durante o processo de idealização até a produção do documentário, foi realizado um questionário que foi compartilhado pela idealizadora do grupo Cris Guterres para analisar a disponibilidade e conciliar agendas das jornalistas para a gravação das entrevistas. Foi um processo desafiador, mas frutífero: ao final cinco jornalistas confirmaram a participação na gravação.

A ideia inicial seria gravar o dia a dia de cada uma delas e suas respectivas atividades profissionais, contudo, por conta de alinhamento de agendas, não foi possível. Então, reuni as cinco jornalistas na casa da idealizadora do grupo, onde as entrevistas foram realizadas. De volta a Brasília, dei início à edição do documentário.

4.1 Pré-produção:

Público-Alvo

O documentário é destinado a:

- Atuais e futuras jornalistas negras;
- Profissionais de jornalismo e comunicação de um modo geral;
- Estudantes e acadêmicos interessados em diversidade e inclusão;
- Pessoas interessadas em questões de igualdade racial e de gênero;
- O público em geral que aprecia histórias de inspiração.

Planejamento logístico:

Cronograma

- Pré-produção: 5 meses (pesquisa, planejamento, contatos);
- Produção: 2 meses (filmagem de entrevistas e cenas do cotidiano);
- Pós-produção: 3 meses (edição, revisão, finalização);

- Lançamento: novembro/dezembro de 2024, no dia da defesa do Trabalho de Conclusão de Curso.

Orçamento Estimado:

- Pesquisa e desenvolvimento: R\$ 1.000,00;
- Produção (filmagem, equipamentos): R\$ 500,00;
- Pós-produção (edição, efeitos visuais): R\$ 500,00;
- Distribuição e marketing: R\$ 700,00.

4.2 Produção

Estrutura Narrativa

Abertura: com a introdução ao legado de Glória Maria e imagens de seus momentos na televisão. Em seguida a apresentação individual de 5 jornalistas integrantes do grupo “Herdeiras de Glória Maria”.

Desenvolvimento: entrevistas com integrantes do grupo, explorando suas histórias pessoais e a inspiração que encontraram em Glória Maria, além da discussão sobre os desafios enfrentados por mulheres negras no jornalismo e na sociedade em geral. Cenas de Glória Maria e das atividades profissionais das jornalistas. Reflexão sobre a importância de um espaço seguro para a troca de experiências e o fortalecimento coletivo.

Clímax: Relatos emocionantes de superação e conquistas profissionais, mostrando como o apoio mútuo ajudou a transformar vidas ou como a inspiração na Glória Maria impactou sua trajetória. Exemplos de ações concretas do grupo para promover a diversidade e a inclusão na mídia.

Desfecho: Reflexões sobre o futuro e o impacto duradouro do legado de Glória Maria nas vidas dessas mulheres e na sociedade. Mensagens de esperança e encorajamento para futuras gerações de jornalistas negras.

Metodologia de Produção

- **Pesquisa:** Coleta de informações sobre o legado de Glória Maria, bem como sobre a trajetória do grupo “Herdeiras de Glória Maria”;
- **Entrevistas:** Realização de entrevistas com membros do grupo, especialistas em jornalismo e diversidade, e pessoas que foram impactadas por Glória Maria;
- **Filmagem:** Captura de reuniões, eventos e momentos do cotidiano das jornalistas, além de cenas que ilustram os desafios enfrentados e as vitórias alcançadas;
- **Edição:** Edição para criar uma narrativa envolvente e coesa, utilizando transições suaves e música que realce os momentos emocionais e inspiradores.

Planejamento visual

Estilo Visual:

- Documentário com tom intimista e inspirador, combinando entrevistas, imagens de arquivo, e cenas de Glória Maria e cotidiano das jornalistas;
- **Tom:** Reflexivo e celebrativo, com ênfase na resiliência e nas conquistas das protagonistas;
- **Abordagem:** Narrativa sensível e respeitosa, destacando a força e a união das jornalistas negras e sua contribuição para a sociedade.

4.3 Pós-Produção

- **Edição (cortes, luz e cores):** Inicialmente, foram feitos cortes e a triagem do material coletado para eliminar material desnecessário e organizar a narrativa de forma coerente, enfatizando momentos impactantes. A correção de cor é essencial para garantir uma estética uniforme, ajustando a temperatura de luz e os tons para criar a atmosfera desejada e realçar a expressividade das cenas.
- **Efeitos visuais:** São inseridos elementos visuais para reforçar a mensagem, como transições suaves, imagens da Glória Maria, fotos das Herdeiras e música. Esses efeitos ajudam a contextualizar informações, dar ênfase a determinados pontos e tornar o documentário mais dinâmico.

- Veiculação: Após a edição final, o documentário é exportado em formatos adequados para diversas plataformas. A estratégia de veiculação inclui lançamento nas plataformas digitais como Youtube e redes sociais para alcançar um público amplo e diversificado.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Glória Maria foi uma mulher livre, corajosa, pioneira, mãe, uma mulher atemporal, à frente do seu tempo. Quando começou no jornalismo, não existia a possibilidade de o repórter aparecer, o texto era atrativo, por isso Glória se apaixonou pelo jornalismo, por ter intimidade com a palavra e por sua paixão pela escrita. Depois de ser pioneira, a primeira repórter a realizar matérias ao vivo e a cores na televisão do Brasil, passou a viver da reportagem de forma intensa, narrando histórias e mostrando o mundo para os telespectadores de forma única e memorável. Como mulher negra, conquistou uma imensa visibilidade televisiva e abriu o portal para outras jornalistas negras do que é possível ocupar lugar de destaque.

Toda mulher negra que esteja se formando em jornalismo ou que trabalhe na área, com certeza tem o nome de Glória como referência, inspiração e representatividade. Não foi diferente comigo. Sempre sonhei em fazer jornalismo, admirava o jeito Glória Maria de ser e fazer jornalismo, ficava encantada com as viagens, seu jeito aventureira e intenso de se jogar em cada lugar, cultura, conversar com as pessoas e mostrar tudo isso de forma inusitada e surpreendente. O que me conectava com Glória era ver aquela mulher elegante, culta, inteligente e destemida na TV, desbravando o inédito.

Sua presença e atuação eram extremamente inspiradoras, mostrando que era possível romper barreiras e conquistar espaços ainda pouco explorados. Seu legado, sem dúvidas, é uma fonte inesgotável de inspiração e sempre com esse sentimento em meu coração foi que resolvi conhecer e falar sobre as herdeiras de Glória, inicialmente parecia uma ideia que seria difícil tirar do papel, por conta da logística, morando em Brasília como conseguiria ir a São Paulo, entrevistar as jornalistas integrantes do grupo, a parte financeira, pois tudo isso é muito gasto. Parei de pensar nas dificuldades e fui para a solução, apenas dei o primeiro passo e hoje finalizo a conclusão deste trabalho de

conclusão de curso com os olhos cheios de lágrimas e o coração extremamente grato, em conseguir concluir o documentário. Deu certo.

Herdeiras de Glória Maria, é mais do que um documentário, é uma homenagem ao legado de uma das maiores jornalistas do Brasil e um tributo à força e à resiliência das jornalistas negras que, inspiradas por ela, continuam a lutar por visibilidade e igualdade. Glória falava sobre o preconceito de forma lúcida e realista, o preconceito existe e sempre irá existir: "Nada blinda preto de racismo, nem fama, dinheiro, notoriedade, o que muda é como você lida com ele. É preciso aprender a se blindar da dor" disse Glória no programa de entrevistas Roda Viva (Silva, 2022).

Diante do posicionamento de Glória e de seu legado de resiliência, é preciso ter inteligência emocional para driblar os preconceitos e continuar se esforçando para alcançar seus objetivos e sonhos. Vivemos em uma realidade onde, apesar dos avanços, ainda há muito a ser conquistado. A mulher negra, muitas vezes, é vista como inferior, não pode falhar e precisa se provar constantemente. Uma fala que foi constante durante as entrevistas com as jornalistas de São Paulo foi a seguinte: "Carregamos um sentimento de não pertencimento, de estar sozinha, de filhas únicas justamente por não existir muitas de nós nos espaços, nas redações, sendo protagonistas na televisão"⁸, disse Cláudia Lima. Até mesmo como influenciadoras e por essa falta de representatividade, as meninas, mulheres muitas vezes não acreditam que para elas é possível sim, alcançar, realizar, e ocupar esses lugares.

A jornalista Cláudia Lima, que é roteirista do programa *Conversa com o Bial*, teve uma fala que me impactou e me fez refletir sobre esse sentimento que é real. Perguntei qual o conselho que ela daria para jovens jornalistas negras que estão começando na carreira? Ela respondeu: "Se posicione e não se sinta diminuída ou intimidada por estar nesses espaços, porque eles também nos pertencem. Se posicione, você está nesse lugar porque você merece"⁹. Este documentário busca não apenas narrar essas histórias, mas também inspirar as futuras gerações a acreditar no poder da união, do empoderamento e da representatividade.

Como diz Milton Nascimento (1978) em sua canção *Maria Maria*: "... Mas é preciso ter força, é preciso ter garra, é preciso ter gana sempre, quem traz no corpo a

⁸ Fala de Cláudia Lima em entrevista durante a produção do documentário, São Paulo, 2024.

⁹ Fala de Cláudia Lima em entrevista durante a produção do documentário, São Paulo, 2024.

marca Maria, Maria, mistura de dor e alegria. Mas é preciso ter manha, é preciso ter graça, é preciso ter sonho sempre, quem traz na pele essa marca possui, a estranha mania de ter fé na vida...”.

A pele preta e a minha voz
Na avenida, deixei lá
A minha fala, minha opinião
A minha casa, minha solidão
Joguei do alto do terceiro andar
Quebrei a cara e me livreí do resto dessa vida
Na avenida dura até o fim
Mulher do fim do mundo
Eu sou e vou até o fim cantar
Na chuva de confetes, deixo a minha dor [...]"
(Fróes, Coutinho; 2015)

REFERÊNCIAS

- BENTO, Cida. **O pacto da branquitude**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022. ISBN 978-65-5921-232-3.
- EMERIM, Cárilda; COUTINHO, Iluska; FINGER, Cristiane. **Epistemologias do telejornalismo brasileiro**. Florianópolis: Insular, 2018. (Coleção Jornalismo audiovisual, v. 7) ISBN 9788552400967
- FABBRI JÚNIOR, Duílio. **Glória Maria: Glória Maria Matta da Silva**. Campinas: Editora Mostarda, 2024. (Coleção Black Power) ISBN 9786580942558
- FRANCFORT, Elmo. **A história da televisão brasileira para quem tem pressa**. Rio de Janeiro: Valentina, 2022. ISBN 9786588490518
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- FROÉS, Romulo; COUTINHO, Alice. **Mulher do fim do mundo**. [s.l.]: YB Music, 2015. CD.
- GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2020. ISBN 9786557820056
- HORA, Caroline. **Além de Glória Maria: a representatividade da mulher negra no telejornalismo brasileiro atual**. [S.l.]: Edição do autor, 2018.
- INSTITUTO AURORA. **ODS 5: por que a igualdade de gênero é essencial para o cumprimento de toda a Agenda 2030**. Instituto Aurora, [Curitiba], 20 ago. 2020. Disponível em: <https://institutoaurora.org/ods-5-igualdade-de-genero/>. Acesso em: 24 out. 2024.
- MELO, Aline; PEIXOTO, Carla; FELICIO, Juliana; FANTINATO, Manuela. **JN: 50 anos de telejornalismo**. Rio de Janeiro: Globo Livros, 2019.
- MULHERES NO JORNALISMO**. [Site institucional]. Disponível em: <https://www.mulheresnojornalismo.org.br/> Acesso em: 24 out. 2024.
- NASCIMENTO, Milton; BRANT, Fernando. **Maria, Maria**. [s.l.]: EMI-Odeon: 1978. LP
- PORTELA, Poema; PERES JÚNIOR, João. **Jornalismo brasileiro: raça e gênero de quem escreve nos principais jornais do país**. [Rio de Janeiro]: GEMAA, 2021. Disponível em: <https://gema.iesp.uerj.br/infografico/jornalismo-brasileiro-raca-e-genero-de-quem-escreve-nos-principais-jornais-do-pais/>. Acesso em: 24 out. 2024.
- RIBEIRO, Ana Paula Goulart; SACRAMENTO, Igor; ROXO, Marco. **História da televisão no Brasil: do início aos dias de hoje**. São Paulo: Contexto, 2010. ISBN 978-8572444842
- SILVA, Glória Maria Matta da. Roda Viva. [Entrevista concedida a] Cláudia Lima. **Roda Viva**, TV Cultura, 14 mar. 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=rY2iKMAW8b4> Acesso em: 24 out. 2024

APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

A senhora está sendo convidada como voluntária na participar da pesquisa da aluna, Elisiele Máximo da Silva Gallo, aluna de graduação em jornalismo e orientanda da professora Maíra de Deus Brito.

Nesta pesquisa, pretendo analisar o grupo herdeiras de Glória Maria. Um dos motivos que me levam a estudar o tema é o fato de que as mulheres negras no jornalismo desempenham um papel importante na promoção da diversidade e na quebra de estereótipos arraigados na sociedade.

Para esta pesquisa adotaremos os seguintes procedimentos: A Senhora participará de uma entrevista e gravação de um mini documentário sobre as herdeiras.

Espera-se que esta pesquisa possa contribuir com o debate sobre como as experiências, trajetórias e contribuições profissionais das 'Herdeiras de Glória Maria' influenciam a dinâmica da representatividade e diversidade no jornalismo contemporâneo, destacando os desafios enfrentados e os caminhos que delineiam para uma mídia mais inclusiva e plural.

Para participar deste estudo a Senhora não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. A Senhora terá o esclarecimento sobre o estudo em qualquer aspecto que desejar e estará livre para recusar-se a participar. Poderá retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento.

Autorizo o uso de minha imagem em todo e qualquer material entre imagens de vídeo, fotos e documentos, para ser utilizada no documentário: Herdeiras de Glória Maria. Os resultados da pesquisa estarão à sua disposição quando finalizada antes da publicação.

Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem ou a qualquer outro.

Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias originais, sendo que uma será arquivada pela pesquisadora responsável, em Brasília, e a outra será fornecida à Senhora.

Eu, _____, portadora do documento de Identidade _____ fui informada dos objetivos da pesquisa da aluna Elisiele Máximo da Silva Gallo, de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações e modificar minha decisão de participar se assim o desejar.

Declaro que concordo em participar. Recebi uma via original deste termo de consentimento livre e esclarecido e me foi dada à oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

São Paulo, _____ de _____ de 2024

Assinatura da participante

Assinatura da pesquisadora

Nome da Pesquisadora Responsável: Elisiele Máximo da Silva Gallo

Telefone: 61 99909-8764

E-mail: elisielemaximo10@gmail.com

Orientadora responsável: Maíra de Deus Brito

Telefone: 61 99612-7637

E-mail: maira.brito@idp.edu.br

APÊNDICE B – PERGUNTAS PARA ENTREVISTA COM AS HERDEIRAS DE GLÓRIA MARIA

Legado e Inspiração:

- **Como o legado de Glória Maria influenciou sua trajetória no jornalismo?**
- O que significa para você ser considerada uma "herdeira" de Glória Maria?
- Quais características ou valores de Glória Maria você busca incorporar em seu trabalho?

Representatividade:

- Como você enxerga o papel das jornalistas negras no cenário midiático atual?
- Quais desafios específicos você enfrentou por ser uma mulher negra no jornalismo?
- Em sua opinião, quais mudanças são necessárias para aumentar a representatividade de mulheres negras na mídia?

Desafios e Conquistas:

- Quais foram os maiores obstáculos que você enfrentou em sua carreira e como os superou?
- Você pode compartilhar uma experiência em que sentiu que estava fazendo a diferença como jornalista negra?
- Como você vê a evolução do espaço para jornalistas negras na mídia brasileira ao longo dos anos?

Análise do Grupo:

- Como você avalia a presença e a importância do grupo das "herdeiras de Glória Maria" na mídia atual?
- Quais são as principais contribuições desse grupo para o jornalismo e a sociedade?
- Você acredita que há uma união entre as jornalistas negras para continuar o legado de Glória Maria? Como isso se manifesta?

Futuro e Impacto:

- Quais são seus objetivos e expectativas para o futuro do jornalismo negro no Brasil?
- Que conselho você daria para jovens jornalistas negras que estão começando na carreira?
- Como você vê o impacto das redes sociais na promoção do trabalho de jornalistas negras?